

Recensão Crítica

Mason, P. (2022). *Como Travar o Fascismo*. Lisboa: Objectiva, 386 pp.

https://doi.org/10.14195/2183-6019_17_13

A eleição de 2016 de Donald Trump é um dos eventos políticos frequentemente objeto de estudo e análise por vários académistas das mais variadas áreas e geografias, desde a comunicação política, sociologia, até às ciências da comunicação. O ano de 2020, marcado pela dimensão global da pandemia de COVID-19, foi um dos pontos chave do discurso extremista do ex-presidente norte-americano, bem como de mobilização dos seus apoiantes.

Ao mesmo tempo, a pandemia veio acelerar a crescente tendência de dependência tecnológica, com o distanciamento físico a ser combatido pela ‘proximidade’ digital. As redes sociais, particularmente o *Twitter/X*, foram palco de proliferação de narrativas falsas, extremistas e, muitas vezes, ecos de discurso de ódio (Mason, 2022). É neste contexto, caracterizado pela falência dos valores democráticos em países como os Estados Unidos da América, o Brasil ou a Hungria, que o jornalista e professor convidado na Universidade de Wolverhampton, Paul Mason, escreve - aquele que classificamos como uma proposta de guia - o seu

livro mais recente que contém as suas reflexões e sugestões de *Como Travar o Fascismo*.

A obra de Paul Mason divide-se em três partes, na tentativa de encontrar uma estratégia de combate aos movimentos modernos que classifica como fascistas: história, ideologia e resistência. As duas primeiras partes pretendem ser uma abordagem teórica e crítica dos movimentos fascistas, a fim de tornar a compreensão do fenómeno mais acessível, embora o autor rejeite essa mesma tentativa de procurar uma definição: “precisamos de algo mais do que uma definição, porque as definições não são explicações” (Mason, 2022, p. 26). Ainda assim, o autor adianta a sua própria conceptualização: “o fascismo é o medo da liberdade, desencadeado por um vislumbre de liberdade” (Mason, 2022, p. 26). A última parte visa ser uma ferramenta para pensar, então, a ascensão destes movimentos e alimentar uma atitude crítica e combativa perante a crescente influência dos grupos de extrema-direita e direita radical (Mudde, 2020).

A tese do autor, que orienta a sua narrativa e argumentação, é a de que

“o fascismo está de volta, sob a forma de movimentos que perpetram a violência simbólica contra a esquerda, minorias e instituições democráticas” (Mason, 2022, p. 131). O seu objetivo neste ‘guia’ é, como tal, o esboço de uma nova teoria materialista do fascismo baseada no trabalho de marxistas da década de 30, pois crê que alguns académicos não compreendem ainda o fenómeno na sua extensão.

Paul Mason demarca-se, assim, de autores e académicos que defendem que os movimentos modernos não podem ser identificados como nazistas, uma vez que o contexto histórico do surgimento de personalidades autoritárias como Mussolini e Hitler se inscrevem num período muito delimitado temporal, geográfica e politicamente. O também jornalista e investigador John B. Judis considera, por sua vez, que “chamar-lhes fascistas exagera o perigo que constituem, pois não ameaçam mover guerras nem dissolver parlamentos” (Judis, 2017, p. 155).

No fundo, a militância de Paul Mason – que se define como ativista, antifascista e, na parte final da obra, autodenominando-se como “marxista” (2022, p. 260) - define sobremaneira

a sua visão académica e compromete-a com uma visão marcadamente ideológica. O autor vai, assim, ‘mais longe’ na classificação destes movimentos que, na sua visão, partilham ideais ideologicamente marcados pela defesa da “pureza racial, supremacia masculina, antissemitismo e culto do líder” (Mason, 2022, p. 14).

A primeira parte, dedicada à ideologia, define assim os principais argumentos e causas que movem fenómenos de extrema-direita do ocidente ao oriente, no século XXI. A crise económica de 2008 é identificada como o momento-chave que alimentou o exacerbar de ideologias. “No decénio de 2020, estamos a viver uma perturbação multifacetada da normalidade em que cada nova crise agrava a desorientação provocada pela anterior” (Mason, 2022, p. 34). As crises económicas, acopladas a graves carências sociais, políticas e, neste caso, sanitárias tornam-se, dessa forma, terrenos férteis para estes movimentos.

A “mitologia do fascismo moderno” (Mason, 2022, pp. 72-76) é construída com base na Teoria da Grande Substituição (Mason, 2022;

Mudde, 2020), na construção do liberalismo como inimigo, assim como o “marxismo cultural” (feministas, minorias étnicas, climatologias, refugiados e LGBTQIA+) e no apelo à destruição dos valores das democracias ocidentais e liberais. A invasão ao capitólio, a 6 de janeiro de 2021, era um evento, na opinião do autor, previsível para aqueles que já estudavam estes fenómenos.

A segunda parte da obra constitui uma reflexão sobre a história, desde as origens do fascismo até Mussolini e Hitler. Para além da revisitação ao passado, o académico defende que Trump se apropriou do discurso de Mussolini e procurou associar um carácter violento ao conceito de *antifa* (Mason, 2022), bem como a outros agentes do espaço público do espectro político oposto ao do ex-presidente dos Estados Unidos da América.

Na parte final do livro, a que o autor chama de ‘Resistência’, Paul Mason volta a reforçar a necessidade de ação em detrimento da “guerra da definição” (Mason, 2022, p. 245), embora reconheça que “a necessidade de teoria é urgente”, como o passado comprovou (Mason, 2022, p. 245),

mas que não se afaste “completamente da realidade” (Mason, 2022, p. 257). Além de que, apesar de comprometido ideologicamente, não deixa de reconhecer que o que “o marxismo percebeu mal”, sustentado no pensamento de pensadores como Marx e Engels, foi o surgimento do fascismo (hoje, fundido com o populismo de direita, visão do autor), não o prevendo, bem como a sua incapacidade para “desenvolver uma teoria coerente do fenómeno”, nem uma “estratégia para o derrotar” (Mason, 2022, pp. 259-260).

Na estratégia do jornalista entra em jogo a *Democracia Militante 2.0*. Destarte, propõe que “a única maneira de o derrotar é simultaneamente política e cultural, mediante uma aliança política do centro e da esquerda, combinada com um movimento de base e um esforço para urdir o antifascismo em todos os aspetos da cultura popular” (Mason, 2022, p. 315). Uma proposta que nos parece difícil de alcançar, não só pelo necessário consenso político, bem como pelo apelo à participação de uma sociedade que se revela inerte no que toca à participação democrática

(nomeadamente, no que toca à ida às urnas).

O livro termina no *Rick's* - o célebre café e símbolo da resistência antifascista do filme *Casablanca* (1945). Paul Mason resgata o passado para defender que “cada um de nós é – metaforicamente – um cliente do café Rick's. Face a uma ameaça global da extrema-direita, restam poucos lugares onde nos possamos esconder” (Mason, 2022, p. 343).

A leitura da obra do académico e jornalista Paul Mason torna-se, como tal, numa ida ao *Rick's*. A posição ideologicamente marcada do autor não tolda a viagem e revisitação histórica e ideológica ao passado, que pretende propor, e nas ferramentas que pretendeu deixar para lidar com um futuro regado de ameaças *on* e *offline*.

Referências

- Judis, J. B. (2017). *A explosão do populismo*. Editorial Presença.
- Mason, P. (2022). *Como travar o fascismo*. Objectiva.
- Mudde, C. (2020). *O regresso da ultradireita*. Editorial Presença.

